



GRAVES MEDIDAS PARA GRANDES PROBLEMAS: O ANTICOMUNISMO COMO PRIORIDADE DA AÇÃO DE DOM ANTONIO DE ALMEIDA MORAIS JR. À FRENTE DA ARQUIDIOCESE DE OLINDA E RECIFE, 1952 – 1960

Hugo Leonardo Silva de Oliveira Leite¹

Newton Darwin de Andrade Cabral²

Resumo

O presente artigo objetiva reconstruir e analisar a atuação e o pensamento de uma importante liderança eclesial, Dom Antonio de Almeida Morais Júnior, na missão, que ele mesmo se impôs ao assumir o sólio arquiépiscopal de Olinda e Recife, de formar uma geração de fieis e cidadãos que participassem dos processos eletivos fazendo uso do voto daquilo que ele considerava ser a forma correta, ou seja, seguindo e respeitando os postulados cristãos. Com efeito, mesmo antes de assumir a administração da Arquidiocese, Dom Antonio ganhou notoriedade por sua forte inclinação anticomunista, como atesta diversos de seus livros, entre eles *Capital e trabalho*, sua obra mais conhecida. Essa forte inclinação anticomunista logo descambaria, como analisamos, para uma verdadeira obsessão. Em sua opinião, os candidatos com uma orientação política mais à esquerda não deveriam, de forma alguma, ser sufragados nas urnas pelos católicos; seria uma traição não só à fé cristã como também à pátria brasileira. Portanto, seu governo arquiépiscopal foi marcado por intensas intervenções políticas. Vale ressaltar que a História Social foi o nosso horizonte metodológico, tomando a transdisciplinaridade proposta pelo historiador francês Lucien Febvre como base para a formulação de problemas eventuais e sua solução através de um constante e dialético intercâmbio entre História e demais ciências humanas.

Palavras-chave: Igreja; modelos eclesiais; poder.

“Não há pensamento religioso (nem pensamento simplesmente), por mais puro e desinteressado que seja, que não seja colorido em sua massa pela atmosfera de uma época.” (FEBVRE, O problema da incredulidade no século XVI: a religião de Rabelais, p.32)

INTRODUÇÃO

A pesquisa teve por fito analisar e reconstruir a atuação de Dom Antonio de Almeida Morais Júnior enquanto esteve à frente da Arquidiocese de Olinda e Recife – tomando como ponto de partida o seu caráter anticomunista e intervencionista. Dom Antonio tinha a convicção

¹ Graduado em História pela Universidade Católica de Pernambuco, foi bolsista PIBIC/UNICAP e PIBIC/CNPq; e-mail: hugo.leite16@gmail.com/hugo_oliveiraleite@hotmail.com

² Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco; Professor adjunto III da Universidade Católica de Pernambuco; e-mail: newtoncabral@terra.com.br



de que o Brasil, em geral, e Pernambuco, em particular, estavam sendo vítimas de um verdadeiro assalto comunista. *Ipsa facto*, para o novo metropolitano, era imperiosa a execução bem-sucedida de uma missão: a conscientização do eleitorado católico, para que, assim, seu rebanho não cometesse o grave equívoco de contribuir com o avanço das “hostes vermelhas” no estado.

Conquanto não tenha sido, aqui, o nosso objeto de análise prioritário, faz-se mister um esclarecimento sobre a relação do novo Arcebispo com a Ação Católica (nome dado a uma série de movimentos a fim de expandir a esfera de influência da Igreja sobre a sociedade através da inserção de setores específicos do laicato em diversas atividades pastorais): ao assumir o sôlio olindense, Dom Antonio ensaiou uma aproximação com esta associação ao nomear Dom João Batista Portocarrero Costa, um dos maiores expoentes da Ação Católica Brasileira, como Arcebispo coadjutor; não obstante, essa aproximação inicial evoluiu para um completo estranhamento, pois, na sua administração, a Ação Católica passou a ser considerada um palco ideal para o exercício de atividades subversivas.

A CHEGADA DO TÃO ESPERADO EPÍSCOPO

Na tarde de 19 de março de 1952 tomou posse, como novo Arcebispo Metropolitano de Olinda e Recife, Dom Antonio de Almeida Morais Júnior – até então bispo de Montes Claros, em Minas Gerais; Dom Antonio fora elevado à condição de Arcebispo e designado pelo papa Pio XII para ocupar o sôlio olindense em novembro do ano anterior, substituindo a Dom Miguel de Lima Valverde que, durante trinta anos, governou os destinos espirituais dos fieis pernambucanos e faleceu no exercício do cargo.

Dom Antonio de Almeida Morais Jr. não era desconhecido no meio pernambucano. Sua forte inclinação anticomunista e seus esforços em prol da pacificação das classes patronal e operária eram notórios e um valor a ser destacado por uma elite político-social especialmente preocupada com a suposta escalada do comunismo em nível internacional – as constantes perseguições a missionários na China chocava-os em particular, e era um fato a ser sempre destacado³ –, nacional e local, uma vez que Pernambuco era visto como um alvo em potencial

³ Cf. PERSEGUIÇÃO na China. A Tribuna, Recife, p. 02, 15 de mar. 1952. (CMOR – Recife)



das ações comunistas no Brasil. Esta notoriedade é atestada no discurso do deputado Milton Prates ao receber o Bispo em nome da cidade:

Já havia V. Excia. Revma. conquistado a nossa admiração e o nosso respeito, por que, antes da pessoa de V. Excia. Revma, aqui tinham chegado os seus livros com a palavra esclarecedora da Igreja sobre problemas de nossa época que tanto inquietam o mundo católico.⁴

O medo do avanço vermelho sempre rondava o imaginário de proeminentes intelectuais católicos, como Mário Tavares, para quem a Igreja, embora tendo enfrentado no decorrer de sua bimilenar história as mais diversas formas de perseguições e heresias, vê-se agora diante de sua mais perigosa provação, pois

muitos governos perseguiram os católicos por vários motivos. Nunca porém, se viu o que se vê na nossa época: uma doutrina que nega a própria existência de Deus, governos que perseguem impiedosamente todas as religiões. Os comunistas empreendem uma guerra total contra o sobrenatural. Mas essa guerra não é feita abertamente e lealmente, é feita em surdina, pela mentira, pela difamação, pela fraude.⁵

Dom Antonio fora esperado com grande entusiasmo por essa elite de letrados “certos de que ele será o pastor providencialmente escolhido”⁶ para lidar com este tempo de crise conjuntural que soava, nas palavras destes, tão indubitável.

Após meses de espera, o novo Arcebispo chegou a bordo do navio *Pedro II*. Fora preparada uma grande solenidade para sua recepção com a presença de personalidades ilustres, como o governador Agamenon Magalhães e o prefeito do Recife, Antonio Pereira, além de deputados, vereadores e jornalistas, bem como representantes paroquiais, membros da Ação Católica, irmandades terceiras e associações religiosas; estes integraram o cortejo oficial ao Palácio dos Manguinhos⁷. Os responsáveis pelas circunscrições eclesiásticas sufragâneas divulgaram mensagens solenes de saudação ao novo metropolitano. O Vigário Capitular, Monsenhor José Leal⁸, em nome da Arquidiocese de Olinda e Recife, ressaltou que a saudação desta ao seu novo Arcebispo é “a mesma que de Jesus Cristo aos seus discípulos”, pois “Olinda é

⁴ PRATES, Milton. *Perfil de um apóstolo*. A Tribuna, Recife, p. 06, 15 de mar. 1952. (CMOR – Recife)

⁵ TAVARES, Mário G. *Guerra total*. A Tribuna, Recife, p. 01, 16 de fev. 1952. (CMOR – Recife)

⁶ PEREIRA, Nilo. *O novo Arcebispo*. A Tribuna, Recife, p. 01, 22 de mar. 1952. (CMOR – Recife)

⁷ PROGRAMA das festas de recepção e posse do Exmo. Snr. Arcebispo. A Tribuna, Recife, p. 08, 16 de fev. 1952 (CMOR – Recife)

⁸ Monsenhor José Leal vinha exercendo, por designação do Cabido Metropolitano, o governo da Arquidiocese por motivo de *Sede Vacante*, devido ao falecimento de Dom Miguel Valverde.



a mesma de todos os tempos: amiga de Deus, de Cristo, da Santa Igreja”⁹. A então mais jovem dentre as dioceses pernambucanas, Caruaru, nas palavras de seu bispo, divulgou que ela

[...] une-se, sincera e jubilosa, ao concerto das vozes que, desde a veneranda Sé de Olinda, derramam pelos céus de Pernambuco, as notas alegres, vibrantes e cheias de esperança, do hino triunfal, com que a Arquidiocese inteira acolhe o novo Pastor e Pai escolhido pelo Espírito Santo para, nesta hora grave da História, reger-lhe os gloriosos destinos cristãos.¹⁰

Logo na sua primeira carta pastoral¹¹, Dom Antonio Morais Jr. organizou, em um plano sistemático, os traços prioritários de seu governo arquidiocesano. A perseguição de uma relação salutar entre patrões e operários figurava como um problema fundamental, em sua opinião. Na carta, o Bispo retorna às linhas gerais de seu livro *Capital e Trabalho*, publicado em 1947, pedindo para os fieis refletirem cristãmente sobre a importância dos capitalistas para os trabalhadores, pois estes últimos dependem dos primeiros, sendo o contrário também verdadeiro. “Onde estiver o capital com o seu impulso e sua energia, aí estará o trabalho com sua força e o seu dinamismo.”¹² A mútua dependência é intrínseca na relação, pois o “capital nada vale sem o trabalho e o trabalho nada vale sem o capital.”¹³ Mas estes, embora fundamentais, não são os únicos desafios a serem enfrentados. Comunismo? Sim, ei-lo aqui, uma vez mais:

[...] o Comunismo é inteiramente inadaptável ao Brasil. Pois os regimes devem procurar uma espécie de raiz na própria índole do povo, na sua própria estrutura racial. [...] Mesmo sob o ponto de vista político seria um grande erro a adoção de um sistema de predominância coletiva neste país. [...] E se quiserdes prova disso, perguntai aos que se dizem comunistas o que pensam eles do trabalho obrigatório, da ligação forçada a uma empresa, dos salários fixados por decretos, da supressão do direito de greve, da submissão a cooperativas ou cantinas de usinas, da distribuição de rações iguais por cartões de racionamentos. [...] Não significa isto mais uma afirmativa de que o comunismo pretendendo a igualdade absoluta, atenta contra a própria realidade da natureza humana?¹⁴

Nosso indômito Arcebispo continua sua explanação afirmando que este tipo de regime só triunfou na Rússia porque os russos, “povo imprevidente e sem iniciativa”, já estava há muito habituado a uma rígida tradição, escravizado a uma rotina; e como se não bastasse, ainda possuíam uma “espécie de tendência ao coletivismo, uma espécie de entrega passiva à escravidão.”¹⁵

⁹ PERNAMBUCO saúda seu novo Arcebispo. A Tribuna, p. 01, 15 de mar. 1952. (CMOR – Recife)

¹⁰ *Idem.*

¹¹ CARTA pastoral de saudação... A Tribuna, p. 05, 29 de mar. 1952. (CMOR – Recife)

¹² MORAIS JR., Antonio D’Almeida. *Capital e Trabalho*. 2. ed. Petrópolis, RJ; São Paulo: Vozes, 1947. p.34

¹³ *Idem.* p. 39.

¹⁴ CARTA pastoral de saudação... A Tribuna, Recife, p. 06, 05 de abr. 1952. (CMOR – Recife)

¹⁵ *Idem.*



Ainda segundo Dom Antonio, a Igreja “não aceita a estúpida doutrina da luta de classes”, ela não promete o “absurdo de igualdade de condições sociais, mesmo porque [...] é impossível existir a sociedade estando todos os homens na mesma igualdade de condições”. O operário e, por conseguinte, o trabalhador deve aceitar, portanto, “a desigualdade social como querida por Deus.”¹⁶

Embora não concordemos com as linhas gerais de seu pensamento por parecer-nos demasiado simplista na sua forma de isolar o problema, tenhamos em mente que, por trás da solidária preocupação do metropolitano com a sorte do operariado, morava o temor enrustido de que estes se deixassem ludibriar pela tentação comunista.

DISSIPANDO DÚVIDAS: EM POLÍTICA, MAIS VALE O ESCLARECIMENTO E A PALAVRA DA IGREJA

Foi no campo político que Dom Antonio de Almeida Morais Júnior impingiu sua marca. Ele traçou como seu dever pastoral construir uma sociedade de fieis e cidadãos. Estes deveriam garantir, com um voto consciente, os postulados cristãos, e, para tanto, precisariam ser esclarecidos. A Junta Estadual da LEC (Liga Eleitoral Católica) ganharia, *eo ipso*, uma atenção cada vez maior, ao passo que as reuniões dos membros da Ação Católica, especialmente os da JUC (Juventude Universitária Católica), tornar-se-iam menos frequentes¹⁷. Aliás, em artigo publicado na Tribuna, Valdir Coelho, saiu em defesa dos novos rumos seguidos pela A.C., e afirmou que a sua principal função não é de organizar conferências, encontros, reuniões, mas de inculcar nos seus militantes a ideia de que o seu verdadeiro trabalho é, sem dúvida, o “contato pessoal, que ele usa para exercer influência”; em outras palavras, para “que um membro seja considerado militante é necessário que ele tenha um grupo de influência, e não que já tenha patrocinado uma conferência qualquer ou colaborado neste sentido.”¹⁸ Uma grande inversão se comparada com àquela associação que tanto orgulhava Dom Miguel Valverde!

¹⁶ *Idem*. p. 38 – 39, *passim*.

¹⁷ COELHO, Valdir. *Ação Católica – O trabalho dos militantes*. A Tribuna, Recife, 28 de mai. 1955. (CMOR – Recife)

¹⁸ *Idem*, *passim*. Tomamos a liberdade de ocultar as sucessivas ênfases do autor.



Com a morte do governador Agamenon Magalhães – e diante da inexistência do cargo de vice-governador – foram convocadas novas eleições, nas quais concorreria um candidato de fama comunista notória, Osório Borba, do PSB (partido que nascera do desligamento de elementos do PCB, Partido Comunista Brasileiro)¹⁹. Seguindo as orientações do metropolitano, iniciou-se um processo de desqualificação do candidato socialista²⁰. A LEC publicara que seu adversário, o candidato Etelvino Lins, era um bom católico e defendera os mesmos princípios defendidos pela LEC ao longo dos seus mandatos eletivos. Já Osório Borba sempre se negara a qualquer compromisso com a LEC, “dadas as suas convicções”, o candidato, outrossim, sempre combatera os princípios defendidos pela opinião católica²¹. Osório Borba foi derrotado nas urnas e culpou “os caprichos e hipocrisias da LEC” por contrapô-lo aos eleitores católicos.²² Em outra ocasião, Dom Antonio fizera uma defesa apaixonada da interferência da Igreja na política, ouçamo-lo:

Não importa que muitos gritem, negando o dever de interferência da Igreja; [...] que estes ou aqueles a considerem fora do plano político do mundo. A Igreja não pertence a este ou àquele, não depende deste ou daquele partido político – a Igreja é de Deus e só tem por fito a salvação da humanidade. E é triste que mesmo católicos julguem não dever a Igreja intervir na vida econômica das nações e dos povos [...]. E também é doloroso que os inimigos da Igreja julguem a posição, a opinião desses católicos comodistas, covardes aproveitadores, como a opinião ou ensino verídico da Igreja.²³

Dom Antonio seguiu fielmente os preceitos tão veementemente defendidos por ele e não deu mostras de mudanças neste direcionamento; como exemplo, é mister ressaltar que a Arquidiocese também não se furtaria de envolver-se na questão da sucessão de Etelvino Lins – que fora eleito para um mandato-tampão de pouco mais de um ano. A nova orientação de Dom Antonio seria de apoio ao candidato governista, General Cordeiro de Farias, homem “de inteligência e de cultura, predicados que tem sempre posto a serviço da pátria”²⁴. Cordeiro sairia, de fato, vitorioso, com ampla maioria dos votos, deixando jubiloso o Arcebispo Metropolitano.

No ano de 1955, o Brasil fora escolhido como sede do 36º Congresso Eucarístico Internacional, que ocorreria na cidade do Rio de Janeiro, entre os dias 17 e 24 de junho. O congresso contou com a presença das maiores lideranças eclesiais do Brasil e do mundo católico, entre elas o Arcebispo Metropolitano de Olinda e Recife. Em entrevista aos *Diários Associados*,

¹⁹ Partido Socialista Brasileiro.

²⁰ SOBRE as eleições. A Tribuna, Recife, p.01, 19 de out. 1952. (CMOR – Recife)

²¹ LIGA Eleitoral Católica. A Tribuna, Recife, p. 01, 19 de out. 1952. (CMOR – Recife)

²² DELGADO, Luiz. *As eleições do mês passado*. A Tribuna, p.01, 22 de dez. 1952. (CMOR – Recife)

²³ MORAIS JR., Antonio D’Almeida. *op. cit.*, p. 33.

²⁴ O novo governo. A Tribuna, Recife, p. 08, 05 de fev. 1955. (CMOR – Recife)



Dom Antonio contou que o ponto culminante foi o momento da comunhão dos homens, contando com a presença de mais de trezentos mil homens das mais diversas classes sociais.²⁵ Segundo as estatísticas oficiais, o Congresso Eucarístico contou mais de um milhão de fieis presentes na procissão e na sessão final. No adendo final o congresso se propôs a traçar resoluções para graves problemas, como a falta de sacerdotes na América Latina.²⁶

Ainda no mesmo ano, houve o pleito municipal para a escolha do novo prefeito da capital pernambucana e, como não podia deixar de ser, este fato recebeu grande atenção por parte do Arcebispo de Olinda e Recife. Na ocasião, levou às últimas consequências a missão, por ele imposta, de orientar corretamente os católicos junto aos sinuosos caminhos da política. Dom Antonio de Almeida Morais Jr. conclamou-os a não votar nos candidatos que seguiam a orientação comunista e/ou apoiados por estes. Seu alvo seria o candidato Pelópidas Silveira – do PSB, lançado pela coligação Frente do Recife, que englobava, de uma só feita, trabalhistas, socialistas e comunistas numa única frente político-partidária. Para tanto, mobilizou a LEC, fieis, jornalistas, intelectuais, políticos e demais autoridades a se envolverem na disputa contra aquilo que considerava uma tentativa de assédio comunista. Ei-lo mais uma vez belicoso:

Acima de tudo, meus caros operários, vós sois brasileiros e cristãos! Dois títulos, duas glórias, que deveis defender com toda a grandeza da vossa alma, com todo o heroísmo do vosso coração. Não é possível que sejais traidores, entregando vossa terra, vossa gente e vossa família a uma pátria estranha, traindo o nosso querido Brasil e entregando-o dolorosamente à Rússia!²⁷

Sua tentativa, porém, não sensibilizou o eleitorado católico que votou maciçamente no candidato socialista. Pelópidas Silveira era, de fato, um político muito popular, tanto que venceu o pleito com mais que o triplo de votos do segundo colocado. A negativa do eleitorado católico às orientações de seu Arcebispo fora, *ipso facto*, um grande revés para o governo arquiépiscopal de Dom Antonio de Almeida Morais Jr.; este colhe os ventos que lhe eram devidos, sua imprudência no campo político contribuiu para o desencanto geral que se avizinhava²⁸.

²⁵ TESTEMUNHO inequívoco em unidade... Diário de Pernambuco, Recife, p. 08, 25 de ago. 1955. (APEJE – Recife)

²⁶ MENSAGEM de Dom Antonio aos fieis pernambucanos. Diário de Pernambuco, Recife, p. 05, 28 de jul. 1955. (APEJE – Recife)

²⁷ A Tribuna, 31 de jan. 1953, p.01. *Apud* ALMEIDA, V. A. G. *Chorem os sinos: os discursos e as práticas anticomunistas da Arquidiocese de Olinda e Recife (1952 – 1960)*. Recife, UFPE, CFCH, PPGH, 2010. Dissertação de Mestrado.

²⁸ Mais detalhes sobre o pleito municipal de 1955, consultar o nosso artigo: LEITE, H. L. S. O.; CAVALCANTE, L. N.; CABRAL, N. D. A. *Recife em chamadas: as eleições municipais de 1955*. In: *Abordagens interdisciplinares sobre história da sexualidade*, 2010, Recife - PE. IV Colóquio de História - Anais, 2010. p. 562-571.



UM INSTANTE DE PERIGO: O PLEITO DE 1958 E A AMEAÇA VERMELHA

Com efeito, foi no pleito seguinte, para o preenchimento do cargo de governador, em 1958, que Dom Antonio de Almeida Morais Jr. seria mais agressivo nos seus discursos e nas suas recomendações. O Arcebispo não toleraria o fato de a oposição, formada em grande parte por partidos esquerdistas, decidir reunir-se numa única coligação político-partidária, as *Oposições Unidas*, sob o aval do próprio partido comunista, que decidira integrar formalmente a coligação. Esta ampla aliança política abarcou partidos com ideologias dissonantes, como a UDN²⁹ e o PSB – que lançara Cid Sampaio, candidato a governador e Pelópidas Silveira, candidato a vice-governador, respectivamente –, então unidos contra o mesmo tronco político que dominava Pernambuco desde o Estado Novo. Para desassossego do Bispo, a chapa Cid-Pelópidas ganhou amplo apoio popular e reuniu cada vez mais populares, de credo e classes variados, nos seus comícios. Diante disso, Nilo Pereira, no melhor estilo Dom Antonio, declarou:

Os falsos católicos estão contribuindo para certas uniões políticas inconcebíveis; dizem-se cristãos e aliam-se aos inimigos dos cristãos; vão à missa, nos seus reluzentes carros, e vão às eleições com os votos dos vermelhos [...]. A esses católicos convém lembrar a sátira de Murilo Mendes: Deus existe, senhores, e vós tereis uma grande surpresa quando verificardes precisamente isso, em que apenas fingis acreditar. Os católicos (expressão de Murilo Mendes) cairão em si quando virem que Deus existe. Nem terão tempo de dizer: puxa vida!³⁰

Os ânimos ficariam ainda mais acirrados com a notícia de que o líder comunista Luís Carlos Prestes viria a Pernambuco para dar apoio às Oposições Unidas. Para Dom Antonio, a presença de Prestes naquela hora grave da história, somada à atuação das Ligas Camponesas, juntamente com a difícil situação no sertão, afligido pelos efeitos da seca e da fome, formava uma caleidoscópica situação que tornava os comunistas ainda mais perigosos, na sua concepção. Diante desta paisagem, o metropolitano emprestou ao pleito governamental um clima de verdadeira guerra santa e não mediu esforços para ver aquela aliança fracassada e a candidatura Cid Sampaio derrotada:

Dizem os líderes que Prestes virá brevemente fazer comícios no Recife. Que tristeza para o povo tão altivo de Guararapes e Tabocas! Para o povo que, um dia, soube morrer, derramando o seu sangue para sagrar a imortalidade da sua fé!

²⁹ União Democrática Nacional.

³⁰ JORNAL DO COMMERCIO, Recife, p. 01, 11 de abr. 1958 apud ALMEIDA, V. A. G., *op. cit.*, p. 99.



E que fareis – o povo de tão nobres tradições patrióticas e cristãs! – quando vem, hoje, à nossa capital, um chefe comunista cujas mãos impiedosas e carrascas lhe fazem recordar os últimos gemidos das vítimas que tombaram assassinadas na revolta comunista que liderou em 1935!? E ele vem para ordenar que se vote no candidato que o acolhe que deliberadamente se deixa fotografar com os agentes locais do comunismo e que em companhia dos mesmos, vai à praça pública realizar comícios para uma demonstração em comum de união política. Onde se encontra, então, a nobreza inconfundível dos pernambucanos!?

[...] Católicos: pensai bem e vede em que desgraça se vai precipitando a nobreza de vossa condição cristã! Não adiantam declarações escritas sobre os atos que desmentem ou comprometem as afirmações nelas contidas. [...] Evidentemente é preciso chorar! Chorar de revolta, quando não se pode chorar de pena!³¹

E não é só isso. Em clara alusão à aliança entre Cid Sampaio, Pelópidas Silveira e dirigentes do PCB, o episcopo fez declarações oficiais nada lisonjeiras. E fê-lo em tom de veredicto:

Como unir líderes industriais, comerciais e líderes comunistas, quando ninguém ignora que o comunismo quer o aniquilamento de todos esses homens? E como podem unir-se àqueles que, por doutrina, por ação, por dinâmica, os odeiam tremendamente, com ódio de morte?³²

O metropolitano arquitetou um pacífico sinal de protesto contra a malfadada presença do líder encarnado; ele fez um apelo a todos os párocos, a todas as irmandades religiosas, a todos os conventos e colégios confessionais para que, na hora em que Prestes estivesse falando, “chorassem os sinos”: todos os sinos das igrejas e capelas deveriam dobrar afinados num único, vibrante e veemente coro de protesto. As escolas católicas deveriam estender a bandeira a meio-pau, em sinal de luto, porque

alguma coisa estará morrendo. Estará morrendo a vossa fé, amados fiéis, estará morrendo a vossa obediência à Igreja, estará morrendo a vossa coragem e a vossa convicção cristã. Não! Não podem morrer! O povo que tem o sangue dos heróis de Guararapes saberá reagir.³³

Nesta mesma proclamação, Dom Antonio faz questão de lembrar aos fiéis o resultado da sua última desobediência, mostrada no pleito anterior, no qual saiu vitorioso Pelópidas Silveira, e no-lo faz dando mostras de que não esquecera sua fragorosa derrota na tentativa de convencer o eleitorado a não votar no engenheiro:

Já tivestes uma grande lição, e esta deveria bastar-vos. Votastes em massa em um prefeito que não acreditáveis tivesse compromisso com o comunismo. Não

³¹ A CÚRIA METROPOLITANA divulga a proclamação original do Arcebispo. DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, p. 13, 24 de setembro de 1958.(APEJE – Recife). O Arcebispo de Olinda e Recife foi avisado que, embora a visita ao Recife não tenha sido cancelada, Luís Carlos Prestes não mais faria comícios na cidade, devido a uma proibição do TRE. Contudo, segundo nos parece, Dom Antonio ignorou a informação.

³² DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, p. 24, 23 de abr. 1958 *apud idem*, p. 102.

³³ A CÚRIA METROPOLITANA divulga a proclamação original do Arcebispo. DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, p. 13, 24 de setembro de 1958.(APEJE – Recife)



ouvistes as vozes de advertência da Igreja. E como essas vozes se calam quando o homem se obstina em desobedecê-las, elas de fato silenciaram... mas, o resultado está aí diante de vossos olhos: a Prefeitura transformada em um ninho de chefes comunistas.³⁴

Mesmo com a veemente posição de protesto do Arcebispo de Olinda e Recife, Luís Carlos Prestes tivera uma recepção acalorada e recebera a atenção da imprensa que estampara nas primeiras páginas sua passagem pelo Recife. Dom Antonio voltou-se, então, contra os jornais, taxando-os de “burgueses”. Ele ainda lembrou que “não há conciliação possível entre catolicismo e comunismo”, pois o “comunismo combate a religião, como combate a propriedade privada, a existência da burguesia, a sociedade das classes produtoras.”³⁵

COM DEUS OU CONTRA DEUS

Do alto do campanário de Duarte Coelho, Dom Antonio bradou que não se pode servir a dois senhores ao mesmo tempo, ou serve-se a Deus e ao catolicismo ou ao Diabo e ao comunismo. Decidiu tomar, portanto, ações mais incisivas. O Arcebispo deu início a uma espécie de contra-campanha, a fim de incutir nos fiéis e eleitores a ideia de que os candidatos que adotassem princípios contrários à doutrina da Igreja, não poderiam e nem deveriam ser sufragados nas urnas. E pior seria aqueles candidatos que, de família ou tradição católicas, se deixassem tornar meros instrumentos nas mãos dos comunistas. Por certo que o metropolitano estava a referir-se duplamente ao candidato udenista, uma vez que apenas dois candidatos concorriam ao pleito governamental.

Para mostrar ao eleitorado católico que não deviam votar em Cid Sampaio, ele decidiu excomungá-lo; ameaçou excomungar também os “falsos católicos” que confiassem seu voto a candidatos apoiados pelos comunistas.³⁶ O candidato udenista apressou-se em publicar uma carta, levada a público, de que o mesmo representava um fator de “união entre o proletário e os setores dirigentes da indústria e do comércio” e, com isso, prometia “no mais autêntico valor cristão propugnar pela felicidade e pelo progresso do povo pernambucano.”³⁷

³⁴ *Idem.*

³⁵ DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, p. 24, 23 de abr. 1958 *apud idem*, p. 102.

³⁶ *Cf.* DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, p. 03, 04 de jul. 1958 *apud idem*, p. 111.

³⁷ DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, p. 13, 23 de ago. 1958 *apud idem*, p. 113.



Embora Dom Antonio tenha se dado ao direito de publicar uma carta-resposta no mesmo jornal, sua rede de alianças, que parecia inquebrantável – e que, de uma forma ou de outra, tinha permitido que a situação chegasse a este ponto, ora concordando, ora silenciando – começara a ruir: as Dioceses de Pesqueira e Caruaru, nas pessoas de seus bispos, decidiram contrariar as orientações da Sé de Olinda e apoiar o candidato udenista, Cid Sampaio.³⁸ Este fato representava que não só os responsáveis pelas dioceses sufragâneas, mas muitos católicos reprovavam a posição do Arcebispo.

Ao que parece, o metropolitano não estava tendo sorte na sua luta, que se revelava inglória. Nas vésperas de uma viagem de dois meses a Roma, Dom Antonio foi flagrado por jornalistas do Diário de Pernambuco distribuindo, no Palácio dos Mangueiros, notas incisivas e deselegantes sobre as eleições. Ao notar a presença dos jornalistas, foi dada a ordem, pelo metropolitano, para que os panfletos fossem recolhidos. Mas, ainda assim, uma das notas foi apreendida e levada para a redação do jornal. Momentos depois, segundo o testemunho desse profissional, Dom Antonio enviara o Padre Costa para recolher esta nota apreendida, e, em lugar dela, foi distribuída outra, num tom mais brando. Ainda segundo este mesmo jornalista, os cortes no texto foram profundos, saindo referências diretas a candidaturas, ações e repartições. Dom Antonio não conseguira impedir que a informação chegasse ao alto escalão político, e as notícias causaram um grande embaraço neste meio, pois até mesmo os chefes políticos aliados ao Arcebispo sentiram-se incomodados, pois eles enxergaram esse ato como uma espécie de golpe baixo.³⁹

Na nova proclamação, Dom Antonio ainda insistia em repetir, tal como um mantra, a retórica anticomunista:

A ausência em que vamos permanecer, fora da grata convivência de nossos amados arquidiocesanos, inicia-se precisamente dentro de um dos mais graves períodos da vida política e social de Pernambuco. Para os católicos, em particular, essa gravidade é tanto mais importante e absorvente, quanto imperioso é pensarmos que um dever cívico, patriótico, cristão e, por tudo isto, indeclinável, nos impõe a nós todos a participação nas eleições do dia 3 de outubro vindouro.

[...] Angustia-nos a situação do Estado de Pernambuco. Não nos impele nenhuma paixão política, porque não a temos. Só nos impele o dever sagrado de salvar os princípios da civilização cristã e a honra da pátria.

Se o comunismo vencer no Brasil, nós e vós, como os próprios capitalistas e industriais, seremos fuzilados. Mas, nós seremos fuzilados porque cumprimos o

³⁸ DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, p. 13, 23 de ago. 1958 *apud idem*.

³⁹ VIAJA hoje o arcebispo, deixando proclamação sobre as eleições. DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, p. 15, 21 de ago. 1958. (APEJE – Recife). Já citamos algumas transcrições deste proclame, vide infra.



nosso dever e afirmamos as nossas convicções, enquanto vós cobrireis a loucura das ambições com o véu negro das concessões absurdas.⁴⁰

A posição um tanto quanto agressiva do metropolitano de nada adiantaria. Em Roma, Dom Antonio teria que digerir uma notícia pouco auspiciosa: não só Cid Sampaio, como seu companheiro de chapa, Pelópidas Silveira, venceram o pleito estadual com ampla margem de votos sobre os rivais.⁴¹

“O CAVALEIRO DE NOSSA SENHORA”: DOIS PESOS E DUAS MEDIDAS?

Outra situação, antes do resultado efetivo do pleito, é-nos reveladora sobre os ânimos acerca do Arcebispo de Olinda e Recife. Trata-se de um acalorado debate ocorrido no plenário da Assembleia Legislativa de Pernambuco. Estava inscrito para discursar, na tribuna, um velho aliado de Dom Antonio, o deputado Vieira de Menezes, vice-prefeito do Recife. Como de costume, começara a traçar elogios às recentes ações do Arcebispo, e pedira, ainda, que sua proclamação fosse anexada aos anais da casa. O deputado Edgar Fernandes, num aparte, elogia a decisão de inserir nos anais a “proclamação de advertência e de esclarecimentos do Eminentíssimo Príncipe da Igreja Católica”. Mas as coisas estavam longe de seguirem tranquilas naquela sessão, pois, ao fazer uma crítica ao “marxismo ateu”, o parlamentar foi surpreendido por uma série de apartes. Primeiro o do deputado Francisco Falcão, que apresenta suas credenciais: “Católico praticante e anticomunista que sou, não posso compreender bem a contradição do sr. Arcebispo de Olinda e Recife. Mesmo com essas prerrogativas que tenho, de ser anticomunista e católico, não [o] compreendo bem”. Relata o deputado que lhe é difícil compreender as recentes ações do Arcebispo porque nas eleições presidenciais de 1955, Dom Antonio apoiara mui fortemente a candidatura de Juscelino Kubitschek, a quem carinhosamente chamava de “Cavaleiro de Nossa Senhora”, mesmo ele tendo “compromisso e apoio ostensivo do Partido Comunista, apoiado por uma mensagem de Luís Carlos Prestes, pública e notória”. E prossegue o parlamentar, ouvido com grande atenção pelos seus pares:

S. Excia. dom Antonio, naquela época, defendia a candidatura Juscelino, mesmo com o apoio de Carlos Prestes, mesmo recomendado em mensagem por Carlos

⁴⁰ *Idem.*

⁴¹ Vale ressaltar que àquela altura as eleições para vice-governador davam-se de forma autônoma ao do titular da chapa.



Prestes, e o chamava “O Cavaleiro de Nossa Senhora”. Participava de “meetings” políticos, como foi o almoço no Clube Náutico, para naquele almoço homenagear com brilhante discurso o sr. Juscelino Kubitschek. Não entendo, de forma alguma, os dois modos diferentes do procedimento de dom Antonio de Almeida Morais Junior. Não compreendo porque naquela época, zelando pelo interesse da Igreja, da família brasileira, da religião que ele comanda, S. Excia. também não tenha escrito a pastoral para esclarecimento de todos os católicos.⁴²

E conclui sua arguição afirmando que Dom Antonio de Almeida Morais Junior “tem dois pesos e duas medidas. Quando amigo, apoio”. Quando não, “escreve pastorais que não diz que não se vote no candidato da oposição”.⁴³

Vieira de Menezes passou rapidamente para a defensiva. Na tentativa de defender as atitudes de Dom Antonio, afirmou que o metropolitano decidira agir porque sofreu uma intimidação nas vésperas de sua partida e foi chamado de “covarde” por três políticos associados às Oposições Unidas, em pleno Palácio Episcopal. Essa ampla discussão seria pelo fato do Arcebispo viajar depois de fazer toda uma campanha para desacreditá-los. Mas, na opinião do parlamentar, Dom Antonio programou a viagem para a Itália porque estava com a saúde debilitada. Ao novamente apartear-lo, o deputado Falcão afirmou que se o Arcebispo sofreu mesmo tão desonrosa afronta, então deveria ficar e lutar contra seus detratores e não lançar uma pastoral que “só causou confusão”. Nesta altura do debate, o deputado Constâncio Maranhão, que presidia a sessão, abandonou sua posição para também apartear a fala de Menezes. E, tão logo, também apresentou suas credenciais:

Eu, afinal de contas, sou conhecido em Pernambuco, e nenhum mistério tenho nisso, que sou anticomunista número um. Mas, tenho a dizer a V. Excia. que a palavra de dom Antonio neste assunto, ela tem tanta responsabilidade como um sacristão de uma igreja. Porque, infelizmente, Pernambuco, que devia ter outro destaque para a Santa Sé, tem um homem que não está na altura de representá-lo, pelas **palhaçadas** que tem cometido aqui no Estado de Pernambuco. Compreendeu? Digo mais, o sr. Antonio não pode falar, absolutamente, sobre comunismo porque na hora em que o sr. Carlos Prestes apoiou o sr. Kubitschek, então nessa época, estava de braços dados com os comunistas. Portanto, esse homem é um irresponsável para o Estado de Pernambuco.⁴⁴

Em seguida, o deputado Clodomir Morais lembrou aos presentes outras pronunciações de natureza semelhante feitas por lideranças eclesiais ao longo da história, e concluiu: “No entanto, a história nos vem mostrando que caíram no vazio e no ridículo, aqueles que procuram confundir o fato político com o fato religioso”.

⁴² TUMULTUOSOS debates na Assembleia sobre a proclamação do Arcebispo. DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, p. 13, 24 de set. 1958. (APEJE – Recife) *Passim*.

⁴³ *Idem. Passim*.

⁴⁴ *Idem*. Grifo nosso.



Neste cenário, faz-se mister uma inevitável constatação: se era esta a percepção da bancada declaradamente anticomunista, e até então aliada convicta de Dom Antonio, pensai bem: o que não falar-se-ia nos círculos de desafetos e opositores do metropolitano?⁴⁵

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dom Antonio de Almeida Morais Junior foi um dos maiores oradores sacros do seu tempo. Destarte, seus discursos pomposos e eloquentes cativaram os fieis. Suas palavras ganharam força, transformaram-se em ações e, tal qual um grão-canhão turco, soberano no *front*, fizera estragos. Mas há um limite mesmo para falas ditirâmicas e repolhudadas. Embora tentasse promover a mesma linha de ação combativa no ano seguinte, no pleito municipal em que concorrera Miguel Arraes, este último, ainda assim, venceu sem apresentar as dificuldades de seus antecessores. Os fieis pareciam não mais ouvir o seu arcebispo. A dura verdade para Dom Antonio é que o período em que ele fora mais popular e querido, foi, justamente, quando tomou posse. Ele assistiu sua popularidade esvaír-se ano a ano. Naquele momento, Dom Antonio assemelhar-se-ia a um pastor pouco zeloso que esquecera aberta a porta do aprisco, ocasionando a fuga de muitas ovelhas. Desiludido, Dom Antonio não se recuperou dos sucessivos revezes. Solicitou, então, sua transferência à Santa Sé no ano seguinte. O papa Paulo VI atendeu a sua solicitação, e elevou à condição de arquidiocese a então diocese de Niterói, cujo titular era Dom Carlos Gouvêa Coelho. A Santa Sé optou por uma troca de prelados, Dom Antonio transferir-se-ia para a Arquidiocese de Niterói, enquanto Dom Carlos Gouvêa Coelho foi nomeado para assumir o sôlio arquiépiscopal de Olinda e Recife. Dom Antonio partiu. Não sem antes maldizer a sorte dos ingratos que não lhe deram ouvidos. Em sua opinião, a revolução vermelha viria, mais

⁴⁵ A oposição aproveitou bem a brecha criada pelos deputados estaduais. Sem descambar para a violência desenfreada, o jornalista e ex-governador, candidato a deputado federal e aliado de Cid Sampaio, Barbosa Lima Sobrinho, escreveu vários artigos no Diário de Pernambuco comentando o fato de, apesar dos pesares, Dom Antonio ter apoiado Juscelino Kubitschek, não criticando o apoio em si, mas a posição dúbia do Arcebispo. E, a termo de comparação, Lima Sobrinho escrevera que no tempo de Dom Miguel Valverde não era assim: “Quando os pretendentes alvoroçados queriam obter de sua autoridade os anátemas e as excomunhões necessárias ao êxito de suas campanhas, D. Miguel Valverde se limitava a olhá-los de frente e a sorrir. E bastava o sorriso para desarmar seus pretendentes, pois que era como se lhes dissesse que a Igreja Católica de Pernambuco não se prestava a ser caudatária de partidos políticos ou de interesses partidários.” (DP, 26 de set. 1958, p. 05)



cedo ou mais tarde, pois as ruas estavam tomadas por um verdadeiro exército de camponeses, e, quando o pior acontecesse, não poderiam culpá-lo por não tê-los alertado⁴⁶.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Viviane Antunes Guimarães. **Chorem os sinos: os discursos e as práticas anticomunistas da Arquidiocese de Olinda e Recife (1952 – 1960)**. Recife, UFPE, CFCH, PPGH, 2010. Dissertação de Mestrado.

A TRIBUNA. Recife: **Órgão da Associação da Boa Imprensa**, jan. 1952 a jun. 1960. (CMOR - Recife)

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2007.

CABRAL, Newton Darwin de Andrade. **Memórias de um cotidiano escolar: Universidade Católica de Pernambuco, 1943-1956**. Recife: Fundação Antonio dos Santos Abranches, 2008.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife: **Diários Associados**, set. 1955 a dez. 1959. (APEJE - Recife)

FEBVRE, Lucien. **O problema da incredulidade no século XVI – A religião de Rabelais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. **Combates pela História** 3. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

LEITE, H. L. S. O.; CAVALCANTE, L. N.; CABRAL, N. D. A. **Recife em chamas: as eleições municipais de 1955**. In: Abordagens interdisciplinares sobre história da sexualidade, 2010, Recife - PE. IV Colóquio de História - Anais, 2010.

MORAIS JR., Antonio D'Almeida. **Capital e Trabalho**. 2. ed. Petrópolis, RJ; São Paulo: Vozes, 1947.

SERVUS MARIAE. **Para entender a Igreja no Brasil: a caminhada que culminou no Vaticano II (1930-1968)**. Petrópolis: Vozes, 1994.

⁴⁶ DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, p. 01, 12 de ago 1960.

